

O Viver-Junto das noções barthesianas em Los Diarios de Emilio Renzi¹

Lucas Guastini Loureiro dos Santos²

O curso *Como viver junto* ministrado por Roland Barthes no *Collège de France* no ano de 1977 dialoga com as inquietudes que o crítico francês teve no final de sua vida. Nesse período, o crítico francês dava a suas obras um tom mais biográfico, mais pessoal, com textos como *Roland Barthes por Roland Barthes*, *Deliberação* e *A Câmara Clara*. Durante esse curso ele se preocupou com a capacidade humana de conviver. Como conviver com aqueles que nos cercam? Como podemos coabitar sem excluir a liberdade individual? Seu curso parte dessas inquietações.

O Viver-Junto barthesiano é uma espécie de individualidade coletiva, um Viver-Junto mantendo sua própria *idiorritmia*. Gostaria, nessa comunicação, de pensar um movimento similar, refletir sobre a convivência de textos e ideias, em como se dá sua coabitação dentro da crítica literária. Para pensar essa convivência usarei a própria noção barthesiana do Viver-Junto e as discussões que Barthes constrói entorno dela. Como estabelecer um Viver-Junto de teorias diversas cada qual com uma “idiorritmia”?

Me explico: a crítica literária francesa do pós-guerra ultrapassou as fronteiras nacionais de sua criação e desembocou em outros países. Os textos, e consequentemente as ideias, de teóricos desse período foram lidos por escritores e críticos de outras nacionalidades, como a Argentina. Mas como pressupostos críticos que apareceram em um contexto literário específico puderam atravessar o Atlântico e se instalar em outro país com um contexto inteiramente diferente? Que tipo de processo ocorreu nessa mudança de contexto? É possível que uma teoria mantenha sua epistemologia intacta ao ser reapropriada em um exterior radicalmente diferente? Ou ela é “adestrada” pelas forças de uma outra cultura? Essa comunicação não irá de maneira nenhuma responder essas questões, se é que existe uma resposta para esses questionamentos, mas abordará um caso específico dessa transposição, discutindo a leitura de Roland Barthes feita por Ricardo Piglia.

Logo no início de seu curso, Barthes discute a questão da contemporaneidade. Barthes foi contemporâneo de Piglia por quase 40 anos, desde o nascimento de Piglia em 1941 até a morte de Barthes em 1980. Porém, nem sempre o calendário responde bem a pergunta “com quem é eu vivo?” (BARTHES, 2003, p. 11). Afinal, os textos de Barthes

1 Esse texto foi lido no dia 12 de julho de 2023 no simpósio *Como viver junto... com Roland Barthes*, que fez parte do XVIII Congresso Internacional ABRALIC – *A Literatura comparada e a invenção de um mundo comum*.

2 Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras Estrangeiras e Tradução da Universidade de São Paulo (PPG-LETRA/USP)

começaram a circular na Argentina apenas no final dos anos 60 e nesse momento a conjuntura política Argentina era completamente diferente da francesa. Claro, a Argentina, como o Brasil, atravessava um período de turbulência política. Porém, apesar dessa instabilidade, o clima era também de esperança, a esperança de uma revolução comunista. A revolução era uma possibilidade, a revolta armada defendida por uma parte da população e a intelectualidade estava em alta. O clima trazia à tona uma questão que adquiria cada vez mais importância. Como o escritor poderia se envolver nesse momento político? A abstenção da arte pela arte não era uma atitude plausível. O engajamento da ficção era o caminho escolhido, tendo como alternativa a escrita de não ficção, ou uma opção ainda mais radical, o abandono da escritura pela luta armada (caminho de Rodolfo Walsh, por exemplo).

A questão do engajamento nos remete a Sartre e ao existencialismo e aqui temos um bom ponto de partida para discutir algumas diferenças entre o contexto francês e o contexto argentino em relação à recepção da obra barthesiana.

Muitas vezes as discussões epistemológicas que aconteciam na França não chegavam na Argentina da mesma maneira. Como explica Hidalgo (2015), no contexto francês, Sartre e o existencialismo eram as grandes referências para a crítica e as duas correntes que aparecem para se contrapor a essa crítica existencialista (as herdeiras das escrituras de Blanchot-Bataille e o estruturalismo) se encontram unidas em um primeiro momento. Essas diferentes correntes são amalgamadas como contraposição da corrente dominante.

Na Argentina, podemos encontrar o estruturalismo e a fenomenologia unidos contra a tradicional estilística e contra uma crítica de um sociologismo vulgar, as duas correntes dominantes à época. Na França, o objetivo era justamente se livrar do compromisso sartreano, já na Argentina, do imanentismo da estilística. Essa junção de duas correntes tão diferentes pode explicar também a recepção e o uso concomitante de diferentes Barthes, também amalgamados contra as correntes críticas dominantes.

Ou seja, o contexto argentino influenciou diretamente no modo como a crítica francesa foi recebida. Os textos produzidos em um contexto específico francês eram lidos de outra maneira pelos críticos argentinos, talvez com objetivos diferentes. É justamente sob esse ponto de vista que podemos observar a maneira como Piglia lia Barthes.

Ao longo de *Los Diarios de Emilio Renzi*, obra escrita a partir dos inúmeros cadernos que compunham o profícuo diário de Ricardo Piglia, temos diversas menções a Barthes. As obras mais citadas por Piglia são *O grau zero da escritura* (1953) e *Mitologias* (1957), obras de uma fase inicial do crítico francês. O foco de Piglia ao analisar essas obras recai justamente em seu potencial sociológico e político. A tentativa barthesiana de uma história literária

parece agradar Piglia talvez por uma visão marxista, uma história literária com aspectos próprios, uma história formal. Na entrada do dia catorze de março de 1966, Piglia cita justamente um trecho do livro de Barthes: “Segunda feira 14 (março) [...] “Uma grande obra é hoje impossível, pois o escritor está preso em sua escrita como num beco sem saída”, Roland Barthes” (PIGLIA, 2017, p. 250). Essa frase foi retirada do ensaio intitulado *A Utopia da Linguagem*.

Durante esse ensaio, nesse trecho mais especificamente, Barthes descreve a escolha do escritor diante da folha em branco. Sua escritura pode ingenuamente se adaptar às convenções da forma ou ele pode reconhecer o imenso frescor do mundo presente, porém, para transmiti-lo só conta com uma velha linguagem. E daí a utopia da linguagem, a busca de uma escritura nova e a importância desse processo. Uma escritura que é nova apenas durante o tempo que a Literatura toma para voltar a absorvê-la. Nesse artigo, Barthes termina de certa forma aliando essa ruptura buscada na linguagem, ou a busca de uma linguagem não alienada, a uma ruptura social, o que penso que deve ter agradado Piglia, justamente por esse olhar sociológico:

Existe portanto em toda escrita presente uma dupla postulação: há o movimento de uma ruptura e o de um advento, há o traçado mesmo de uma situação revolucionária, cuja ambiguidade fundamental está em que é necessário que a Revolução busque naquilo que ela quer destruir a imagem mesma do que ela quer possuir. Como a arte moderna em sua totalidade, a escrita literária porta ao mesmo tempo a alienação da História e o sonho da História: como Necessidade, ela atesta o dilacerar-se das linguagens, inseparável do dilacerar-se das classes: como Liberdade, ela é a consciência desse dilacerar-se e o esforço mesmo que quer ultrapassá-lo (BARTHES, 2004, p 76).

Outro livro muito citado por Piglia é *Mitologias*. A citação de vinte e seis de janeiro de 1969, por exemplo, nos mostra que Piglia pensava a crítica também como modo de ação, o que representava uma possibilidade de leitura das mitologias de Barthes:

Domingo 26 [janeiro]

Ontem e hoje com o Roberto Jacoby, que me propôs um folheto dedicado a certos emblemas equívocos: o crime, o futebol, o peronismo etc. Uma espécie de publicação mimeografada de agit-prop usando as categorias de Roland Barthes (*Mitologias*). Seria distribuído de graça nas esquinas da cidade aos transeuntes, ou se organizariam “panfletagens” na saída do cinema ou depois de uma luta de boxe no Luna Park (PIGLIA, 2019, p. 119).

As categorias usadas por Barthes para descrever os “mitos” da burguesia francesa seriam de certa forma espelhados para refletir os mitos da burguesia argentina. Mas esses

mitos não teriam seu papel restrito aos livros ou as revistas, eles seriam transformados em modos de ação, a crítica desceria à rua.

Esse caráter prático da crítica está ligado ao contexto social e político argentino. A instabilidade política e o golpe militar forçavam seus opositores a uma ação mais prática, mais contundente. Barthes era lido no contexto argentino, ao menos por Piglia, com um caráter mais efetivo, que descia do campo das ideias para o campo da ação, contra a repressão militar.

Ao mesmo tempo que alguns textos de Barthes serviram de inspiração para a luta contra o governo autoritário, sua figura parecia assumir para Piglia o papel de uma indesejada segurança institucional e financeira:

Terça-feira 4 [fevereiro]

Caminhada com a Julia por Retiro, a ladeira rumo ao rio, as arcadas do Bajo, a zona um tanto sombria e ao mesmo tempo cheia de livrarias e bares onde se reúnem as diversas tribos dos boêmios da cidade. El Moderno, o bar Florida, o Instituto Di Tella e a Galería del Este. Antes, o mundo da coletividade francesa (formal, hipócrita, empolada) na biblioteca da Aliança Francesa, lendo Foucault (o simulacro). **Na saída encontrei o Conrado C., e antes o S. e o I., a ambiguidade dos velhos conhecidos que me mostram seu quadro de horror (não mais o quadro de honra): “Estou traduzindo Barthes”, diz. “Comprei um apartamento em Palermo”, aponta. “Tenho uma bolsa da universidade”, anunciam respectivamente. Buscam segurança, se instalam e me observam, incômodos por causa das “minhas atividades”. Eu poderia ter sido como eles se me distraísse por um instante e não fosse capaz de largar tudo para perseguir um objetivo claro e impossível.** Outra coisa: parece difícil para mim ter amigos da minha própria geração (PIGLIA, 2019, p. 122, grifos meus).

Piglia, ao sair de seu trabalho “seguro” na universidade com o primeiro golpe de estado, assume o lugar da figura de um escritor lutando contra um sistema. É constante ao longo dos diários a busca por trabalhos que lhe deem segurança financeira suficiente para poder escrever “em paz”, como dar cursos de literatura, escrever artigos e montar coleções. Era uma busca por um equilíbrio, trabalhos que lhe permitissem sobreviver, mas que não ocupassem demais seu tempo a ponto de impedi-lo de escrever o que queria, seus romances e contos. Assim, Piglia vai criando para si mesmo esse papel de escritor marginal, no sentido de uma exclusão das grandes instituições e de uma instabilidade econômica; o escritor em busca da literatura, uma missão impossível, como ele mesmo coloca. Os amigos de Piglia que escolhiam o caminho de uma segurança financeira eram vistos como aqueles que se perderam da verdadeira tarefa, do caminho da literatura. Talvez daí venha parte dessa vontade de se distanciar da crítica francesa. Ligar-se a ela era buscar uma segurança, abandonando a busca de um verdadeiro escritor. Piglia foge dessa segurança por “amor à literatura”.

Talvez para Piglia a figura de Barthes representasse um poder que vinha de fora e que lhe impunha um ritmo. Era preciso encontrar outro ritmo para ler Barthes, uma idiorritmia argentina, já que “o que o poder impõe, antes de tudo, é um ritmo” (BARTHES, 2003, p. 68).

A preferência de Piglia pelo “primeiro Barthes” parece se comprovar quando, entrevistado por Tamara Kamenszain, o escritor argentino nomeia *Mitologias* como a melhor obra de Barthes, obra na qual ele faz uma crítica à ideologia pequeno-burguesa, demonstrando assim sua preferência justamente pela fase sócio-semiológica de Barthes. Segundo Piglia, depois desse livro o escritor francês teria sido um “companheiro das modas”, fazendo um uso propositalmente selvagem (ao mesmo tempo esquemático e displicente) da teoria e dono de uma escritura elegante. Barthes seria um divulgador de uma crítica refinada, crítica que teria alcançado sucesso na Argentina. Para um crítico se consagrar deveria exhibir (sem demasiado rigor) uma certa cultura teórica e escrever **bem** (em negrito na entrevista), que nesse caso quer dizer escrever “literariamente”, idealizando a figura do crítico-escritor, do crítico-artista. Falando do livro que estava sendo publicado, *Roland Barthes por Roland Barthes*, Piglia diz que o livro seria o ápice de uma tentativa de colocar o crítico em um lugar de prestígio “sem romper com a ideologia da literatura”. O crítico seria convertido em personagem, para assim, poder escrever sobre si próprio, criando o mito do crítico como especialista que tudo sabe sobre o gozo da leitura (até porque, fala de si próprio). Seria essa tentativa, o dizer qual Barthes ele gosta ou não gosta, uma tentativa de cristalizá-lo, isolando o *acontecimento*, já que o Viver-Junto é refutar o *acontecimento* ou, como diz Barthes, (2003, p. 164-165) “O *acontecimento* é o inimigo do Viver-Junto”?

Ao analisar essa circulação dos textos barthesianos através da obra de Ricardo Piglia, me parece que existem momentos de aproximação e momentos de distanciamento. Talvez buscando um equilíbrio nessa distância. Um equilíbrio idiorrítmico? Bom, se muitas vezes Piglia procurou demarcar uma distância da obra de Barthes, em outros as visões de ambos conviveram. E no contexto argentino politicamente conturbado, a maneira que Piglia encontrou para possibilitar a convivência foi através de um viés do comprometimento político. Talvez seja por esse viés que a leitura que Piglia fez de Barthes possa ser compreendida. Piglia não chegou a radicalidade de Walsh, mas o viés político aparece na sua leitura da obra barthesiana.

E aqui, para concluir, faço uma ressalva. A leitura de Piglia da obra barthesiana não quer dizer de maneira nenhuma que “os outros Barthes” sejam apolíticos. Barthes, para além dessas divisões, manteve ao longo de sua carreira uma luta contra a Doxa, uma luta subversiva contra os poderes estabelecidos e da resistência pela linguagem, o que creio que se

encontra de certa maneira até no próprio curso do Viver-Junto se pensarmos na idiorritmia como resistência ao poder de um ritmo. Talvez Piglia, em sua leitura de Barthes, não reconheça esse aspecto subversivo em toda sua obra, apesar de sua presença constante desde *O grau zero da escritura*, pela moral da forma, por exemplo, até textos mais tardios, como *Aula* (1978).

E também não quer dizer que mesmo que Piglia não mostre tanto apreço pela segunda parte da obra barthesiana que sua influência não pudesse ser sentida. Como diz Podlubne (2017), Barthes foi um dos responsáveis por uma mudança significativa na crítica argentina, na perda de sua inocência em relação ao texto e relação ao sujeito. Piglia fazia parte dessa nova crítica, ele era um autor consciente dessas novas tendências, e ecos de algumas das noções barthesianas podem ser percebidos nas suas concepções de literatura e na sua prática literária.

Barthes e Piglia coabitam na ideia do escritor como aquele que usa a linguagem para criar e mostrar outras ficções, as ficções que eram deixadas de fora pelo Estado ou pelo Poder:

Poderíamos dizer que o Estado também narra, que o Estado também constrói ficções, que o Estado também manipula certas histórias. E, de certo modo, a literatura constrói relatos alternativos, em tensão com esse relato que o Estado constrói, esse tipo de história que o Estado conta e diz (PIGLIA, 2001, p. 11-12).

A literatura adquire um claro papel de resistência contra a ficção do Estado e contra a linguagem dominante, a linguagem da Doxa. Piglia e Barthes parecem se encontrar: “A intervenção política de um escritor se define antes de mais nada no confronto com esses usos oficiais da linguagem” (PIGLIA, 2001, p. 29).

E para terminar evoco a imagem da mãe e da criança que andam em diferentes ritmos causando uma espécie de disrritmia. As diferentes conjunturas representavam ritmos diferentes e é “pondo juntos dois ritmos diferentes que se criam profundos distúrbios” (BARTHES, 2003, p. 19) como coloca Barthes. A figura de Barthes e da crítica francesa se impunham como uma forma de poder e Piglia precisava encontrar uma maneira de lê-los em sua própria idiorritmia. Foi essa busca que o levou a uma leitura e uma preferência por certos aspectos dos textos barthesianos, justamente os aspectos políticos e sociológicos de seus textos. A conjuntura política argentina fazia com que Piglia lesse Barthes sempre em busca de aplicações combativas. Foi por esse viés que ambos puderam Viver-Juntos.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *Como viver junto: simulações romanescas de alguns espaços cotidianos*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARTHES, Roland. *Mitologias*. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

BARTHES, Roland. *O grau zero da escrita*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

HIDALGO NÁCHER, Max. *Los discursos de la crítica literaria argentina y la teoría literaria francesa (1953–1978)*. In: **452ºF**, revista de Teoría de la Literatura y Literatura Comparada 12, p. 102–131, 2015.

KAMENSZAIN, Tamara. *La novela del intelecto*. **Confirmado**, n.º 463, 16 de noviembre 1978.

PIGLIA, Ricardo. *Os diários de Emilio Renzi: anos de formação*. Tradução de Sérgio Molina. São Paulo: Todavia, 2017.

PIGLIA, Ricardo. *Os diários de Emilio Renzi: os anos felizes*. Tradução de Sérgio Molina. São Paulo: Todavia, 2019.

PIGLIA, Ricardo. *Os diários de Emilio Renzi: um dia na vida*. Tradução de Sérgio Molina. São Paulo: Todavia, 2021.

PIGLIA, Ricardo. *Tres propuestas para el próximo milenio (y cinco dificultades) - Mi Buenos Aires querida*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2001.

PINO ESTIVILL, Esther. “*Déplacer la parole, c’est faire une révolution*”: Barthes por una crítica de la periferia. **Revista Criação & Crítica**, [S. l.], n. spe, p. 136-142, 2015.

Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/109032>> Acesso em: 26 fev. 2023.

PINO ESTIVILL, Esther. *La recepción crítica de Roland Barthes en España y Argentina*. In: **Revue Roland Barthes**, nº2, 2015b. Disponível em: <http://www.roland-barthes.org/article_pino_estivill.html>. Acesso em 25 fev. 2023.

PODLUBNE, Judith. *La Pérdida de la Inocencia. Los primeros lectores de Barthes en la crítica literaria argentina: Masotta y Rosa*. In: **Revista Iberoamericana**, volume LXXXIII, número 261, p. 899-921, Octubre-Diciembre 2017.